

REFLEXIVIDADE NA PESQUISA ETNOGRÁFICA E AS SUAS RELAÇÕES COM A PRÁTICA PEDAGÓGICA DE UM PROFESSOR DE BOXE

Ms. FLÁVIO PY MARIANTE NETO

Mestre em Ciências do Movimento Humano (UFRGS)

Dr. MARCO PAULO STIGGER

Doutor em Ciências do Desporto (Universidade do Porto/Portugal)

Professor do Departamento de Educação Física ESEF/UFRGS

Resumo | O presente trabalho é resultado da sistematização de reflexões feitas a partir de uma pesquisa etnográfica realizada em uma academia de boxe em Porto Alegre. Ao escolher a etnografia, metodologia que se caracteriza pela compreensão de aspectos simbólicos envolvidos em um universo particular, eu percebi que algumas mudanças estavam ocorrendo em minha maneira de lecionar. Assim, destinei um espaço em meus diários de campo para debater o tema. Foram realizados vinte e nove registros entre os meses de janeiro e abril de 2010. Então, compreendi que a visão antropológica me ajudou a relativizar conceitos ligados à temática do gênero e relacionados com a heterogeneidade do esporte. Concluí que a antropologia e a pedagogia podem andar juntas, formando um elo teórico/prático capaz de ajudar na atuação docente.

Palavras-chaves | Boxe; etnografia; reflexividade.

Esse trabalho é resultado de um esforço de sistematização acerca de reflexões desenvolvidas durante a realização de um trabalho etnográfico sobre boxe em academias de *fitness* na cidade de Porto Alegre¹. Durante (e após) realizar este estudo, o processo de desenvolvimento de observações, descrições e análises que visavam compreender aspectos simbólicos envolvidos em um espaço de prática de lutas diferente dos encontrados na literatura especializada², me levaram a refletir sobre a minha³ relação com o campo de pesquisa, com o qual eu tinha bastante familiaridade. Porém, após a conclusão do estudo percebi que – da minha parte – havia ocorrido um processo de estranhamento acerca daquele contexto cultural. Foi isso que me levou a formular três questões, as quais orientam esse texto: O que se aprende pesquisando? Como refletir acerca de um trabalho de campo? Que mudanças ocorrem (podem ocorrer) durante uma dissertação, no que se refere à forma como o pesquisador pensa/vive o objeto da sua investigação e o seu entorno?

Importante salientar, que a pesquisa de campo foi realizada em uma academia em que eu trabalhava anteriormente a realização do estudo, na condição de professor de boxe. Nessa condição, houve questões que deveriam ser discutidas em algum momento do trabalho, as quais eram provocadas pelo diálogo com a bibliografia. Mas além delas haviam outras, estimuladas pelo processo de estranhamento que ocorria, mesmo a investigação sendo realizada num universo conhecido.

Foi dessa forma que o olhar sistematizado, proposto pela etnografia me ajudou a enxergar coisas que até então eu não percebia. O que representava para mim um espaço profissional, em que eu ministrava aulas de boxe e se tornaria um lugar de análise científica, se transformou, também, num espaço de reflexão sobre a minha própria atuação profissional e acadêmica.

1. Pesquisa intitulada: “Da academia de boxe ao boxe de academia: um estudo etnográfico”. Apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
2. Refiro-me a trabalhos como o de Wacquant (2002); Remnick (2000) e Flores (2001).
3. Apesar de o texto ser escrito na primeira pessoa do singular, ele também é fruto de reflexões e debates com a coautoria.

Dessa junção de papéis, o prático, à luz da academia, se tornou empírico e pude enxergar o local em que me forjei praticante e professor de boxe pela visão antropológica. Com este fim, fechei o elo teórico-prático citado nas análises teórico-metodológicas do fazer etnográfico (FONSECA, 1999). Para tanto, não apenas realizei a pesquisa empírica, mas também tentei absorver leituras que me dessem a possibilidade de colocá-las em diálogo com o que eu via no campo para, com essa atitude, adotar um olhar reflexivo acerca do meu objeto de estudo.

Dessa forma, as preocupações relatadas por professores e alunos em debates em que o meu estudo foi apresentado, sobre o meu conhecimento e envolvimento no campo de pesquisa, foram levadas em consideração e analisadas por mim, pelo meu orientador e demais colegas do grupo de pesquisa⁴. Concluímos então, que a melhor forma de tentar me distanciar do campo e de evitar que as minhas conclusões não fossem pautadas principalmente pela minha experiência, seria desenvolver um esforço no sentido da reflexividade, dialogando com colegas e buscando leituras que aumentassem as minhas possibilidades de interpretação. A preocupação aqui não era no sentido de buscar interpretações *neutras*, mas procurar me distanciar das minhas próprias posições, entendendo, como fez Geertz (1989), ao comparar a atitude do pesquisador na pesquisa etnográfica com um ato cirúrgico, que mesmo sendo impossível desenvolvê-los num ambiente perfeitamente asséptico, não seria válido fazer uma cirurgia num esgoto.

As inquietações apresentadas até aqui formaram a base reflexiva para a estruturação de registros que se propusessem a pensar sobre a relação do pesquisador com o campo de pesquisa. Empreendi, então, um esforço para registrar as minhas percepções e sensações também⁵

4. O trabalho foi realizado dentro do grupo GESEF (Grupo de Estudos Socio-Culturais em Educação Física) da UFRGS, e orientado pelo Dr. Marco Paulo Stigger. Por essa razão, as ideias contidas nesse artigo são, também, uma construção coletiva oriunda de debates e discussões sobre a dissertação.

5. Até então, eu apenas fazia registros nos dias em que ia a campo, na condição de observador.

nos dias em que atuava como professor na referida academia, no intuito de que a etnografia me fornecesse mais elementos para compreender as modificações da maneira de eu ver e lecionar o Boxe que, intuitivamente, eu percebia que estavam ocorrendo. Assim, ao ouvi-los e observá-los de maneira sistemática⁶, percebi nuances, objetivos e comportamentos que seriam difíceis de serem identificados sem essa forma de olhar. Deste modo, ajustei o meu olhar influenciado pela ideias de Magnani (2009), que entende que o fazer etnográfico deve ser pautado por “situar o foco nem tão de perto que se confunda com a experiência particularista de cada indivíduo e nem tão de longe a ponto de distinguir um recorte abrangente, mas indecifrável desprovido de sentido” (p.153); tive, assim, a possibilidade de entender com mais distanciamento meu campo de atuação.

Foi essa observação sistemática (vinte e nove registros em diário de campo realizados entre os meses de janeiro e abril de 2010) que constituiu a base empírica de discussão que tratarei nesse texto, o que será desenvolvido em duas partes. A primeira tratará de questões teóricas ligadas à etnografia, quando o leitor terá acesso a conceitos tratados por alguns autores que discutem o fazer etnográfico; nesse mesmo tópico incluirei algumas reflexões de autores que encontram, na etnografia, uma ferramenta de formação e intervenção profissional. Na segunda parte – na forma de um depoimento com base em meus registros de campo – apresentarei os processos de mudanças de percepção e ação que vivi durante a experiência na pesquisa que realizei.

ETNOGRAFIA: DA COMPREENSÃO À AÇÃO

Escolher a etnografia como metodologia é tentar olhar para o objeto de estudo a partir de um procedimento que se caracteriza por uma análise cultural e aprofundada de um universo específico, através de observações

6. Aqui, diferencio o sistemático *docente* do sistemático *científico*. Portanto, apesar de já observá-los de maneira sistemática durante as aulas antes de realizar a pesquisa (docente), as modificações tratadas nesse capítulo foram resultado de um olhar etnográfico (científico) para o campo.

sistemáticas, registradas em diários de campo e, algumas vezes, a partir de entrevistas. Segundo Fonseca (1999), a etnografia representa “um tipo de elo perdido que ajudaria a fechar a lacuna entre a teoria e a realidade” (p. 58); para Stigger (2007, p. 35), “o trabalho etnográfico é o resultado das interpretações de padrões culturais de um contexto específico desenvolvido pelo investigador a partir das representações que determinados indivíduos e grupos sociais fazem de sua prática”.

Analisar a partir da etnografia significa inserir este estudo numa perspectiva antropológica de investigação, a qual, tradicionalmente, buscou compreender os costumes de povos distantes da realidade vivida pelo pesquisador, este que se inseria e vivia por algum tempo no local de investigação. Porém, ao voltar-se para a própria sociedade, “a investigação de caráter antropológico preocupa-se em descobrir como se constroem e se desenvolvem práticas culturais que – à primeira vista e por estarem tão fortemente inseridas em nossas vidas – costumamos considerar quase que parte de nossa natureza”. (STIGGER, 2007, p. 33)

No campo das pesquisas em educação física, a etnografia é, na maioria das vezes, utilizada para compreender como as práticas corporais e esportivas fazem sentido e se inserem no dia a dia de seus praticantes. A partir disso, se atribui importância à cultura desses indivíduos, tratando-se de entendê-la no seu entorno, ou seja, a partir das relações que se estabelecem com as rotinas, as concepções e os modos de vida daqueles que as praticam. (STIGGER, 2007)

Sendo um olhar *de dentro*, que envolve uma relação profunda do pesquisador com o universo investigado, há autores que advogam que a etnografia pode ser aliada a objetivos pedagógicos. Se referindo à etnografia na escola, Peter Woods (1986) atribui à etnografia um “significado prático”, ou seja, a considera como uma ferramenta que possibilita ao professor questionar e refletir acerca de seu ofício. Esse olhar permite a relativização do *fazer profissional*, que muitas vezes, é realizado sem uma visão crítica que dificulta ao educador entender, de forma mais consistente, o espaço em que atua. Diz ele: “A razão principal da imperfeição se aplica pela diversidade de fatores que rodeia as situações que o professor enfrenta e que se encontram em constante mudança, de tal modo que

para ele é difícil, quando não impossível, conhecê-los em sua totalidade”. (WOODS, 1986, p. 17)

A partir dessa preocupação com o ensino, o autor aponta semelhanças entre a prática pedagógica e a etnografia, considerando que os seus objetivos se relacionam, na medida em que ambas se vinculam a compreender universos específicos, através de linguagens, costumes e especificidades que determinam relações e ações dos sujeitos pertencentes a determinado grupo. Em síntese, a etnografia “apresenta condições particularmente favoráveis para contribuir para fechar o hiato entre a pesquisa e a prática docente, entre a teoria e a prática”. (WOODS, 1986, p. 18)

Além de compreender, o autor sugere que a etnografia, inserida no campo pedagógico, seja vista como um método de reflexão e conseqüente modificação do docente. De acordo com esse ponto de vista, a etnografia permite ao educador “ampliar suas habilidades estratégicas mediante as múltiplas reflexões e estudos da interação professor aluno. Para ele, é fácil advertir como está se operando realmente as desigualdades fora da sala de aula, e como ele mesmo, talvez involuntariamente, contribui para reforçá-las”. (WOODS, 1986, p. 22-23)

Com esse olhar teórico, Paull Willis (1991) realizou um estudo etnográfico em uma escola de classe baixa nos Estados Unidos⁷. A partir dos discursos de jovens que lá viviam, tentou compreender quais os significados que permeavam o local e como determinados discursos constituíam aqueles indivíduos como trabalhadores, realimentando representações divididas pela sociedade. Para tanto, utilizou a etnografia como uma maneira de entender e modificar a visão dos sujeitos. A partir dessa experiência, considerou que o trabalho antropológico possibilita a transformação compreensiva também para quem tem acesso ao texto escrito. Assim, “a descrição etnográfica, sem que nem sempre se saiba como, permite que certo grau da atividade, da criatividade e da ação humana presentes no objeto de estudo, chegue à análise e à experiência do leitor” (WILLIS, 1991, p. 14). Passo, a partir de agora, a descrever e analisar como esse olhar teórico me forneceu subsídios para a mudança da minha atuação profissional.

7. A esta cidade, o autor atribui o nome fictício de *Hammertown*.

RELATIVIZANDO O(S) BOXE(S)

Durante minha trajetória, aprendi uma maneira de dar aula muito próxima ao modo de ensinar presente nos trabalhos que se encontram disponíveis sobre essa modalidade esportiva⁸, ou seja, os alunos estavam ali, como eu, para *aprender a lutar Boxe*, e esta seria a dinâmica que orientaria a minha maneira de atuar. Porém, essa forma de ministrar as atividades traz consigo aspectos naturalizados que realimentam padrões de comportamentos que orientam a maneira de significar o Boxe. Sendo assim, não percebia que, naquele contexto, poderiam existir outras representações acerca daquela *luta*, ou, mais do que isso, um conjunto de articulações de sentidos que, inclusive colocavam em dúvida se tudo que eu via na academia se inseriria no universo das lutas ou mesmo dos esportes. Ao perceber que ali outro(s) Boxe(s) era(m) praticado(s), caracterizado(s) por elementos do *fitness* e da luta e imbricados por questões ligadas ao gênero, a minha ação docente começou a mudar, diversificando-se em diferentes situações.

Em razão dessa compreensão, durante o processo de investigação, vivi um processo de desconstrução de alguns elementos que se mostravam presentes nas minhas atitudes. Um exemplo disso foi a primeira vez em que destinei um espaço em meu diário de campo para este tema:

Hoje, pela primeira vez, questioneei a minha aula. As naturalizações que tenho feito com os anos de prática (dar a primeira parte da aula até as 21:30 e só depois disso, trabalhar as partes técnicas, coisa que eu aprendi e pratiquei com os anos de experiência) foram questionadas. Trabalhei uma parte de defesa com Luciana, a mesma sequência que dei para os homens, também coloquei a aluna para fazer dupla com Diego, contrariando um pouco a ideia de que ela estava ali apenas para fazer uma atividade física. E incluí no seu treino algumas partes de defesa. Também foi a primeira vez que pensei em uma temática para a aula, geralmente sigo os padrões que aprendi. Hoje foram treinados os golpes básicos, porque senti que os alunos precisavam disso. Essas mudanças em meu jeito de dar aula são o resultado das minhas leituras de diários de campo que me permitem questionar não apenas as minhas aulas, mas também como o Boxe é ensinado.

8. Citados anteriormente.

Nesse dia, pela primeira vez – a partir das reflexões que a experiência com a etnografia estimulou – tentei modificar minha maneira de desenvolver a atividades e construí uma temática específica para aquela aula: os golpes básicos. Porém, a parte mais importante da aula foi a realização dos movimentos de ataque e defesa com Luciana⁹. Ao inserir técnica de luta no aprendizado da aluna, estabeleci um rompimento simbólico de aspectos agregados à prática do Boxe. Pois este se pauta, preponderantemente, por ser ensinado às mulheres como uma forma de melhorar o condicionamento físico das alunas, com pouco (ou nenhum) fim de defesa. Além disso, quando foram realizados exercícios em duplas, Luciana realizou as atividades com Diego, prática também pouco comum durante as aulas, que na maior parte das vezes costumam colocar os pares divididos por sexo.

Trabalhos sobre essa temática têm indicado que, em nossa cultura, aos sujeitos são atribuídos determinados adjetivos que acabam por classificá-los, em termos de gênero, como masculinos ou femininos. Agressividade, virilidade, força, coragem são adjetivos diretamente associados à masculinidade, enquanto que delicadeza, intuição, sensibilidade, são atribuídos à feminilidade (MEYER, 2004; GOELLNER, 2003; NICHOLSON, 2000). Esta classificação é tomada como *natural* e estendem-se também, às expressões corporais dos sujeitos, como as das práticas de esportes.

Ao observar, a partir destes referenciais, percebi que são esses adjetivos que costumam orientar o que – em se tratando de Boxe – vem sendo ensinado nas academias para as mulheres: um boxe caracterizado por preocupações estéticas (a busca de um corpo bonito, *sarado*), bastante distante das dinâmicas de luta e defesa que são ensinadas aos homens. Ao relacionar essas reflexões com o que via no campo da pesquisa, tentei inserir movimentos de luta nas aulas de algumas mulheres que se mostravam interessadas em aprendê-los.

Isso fez com que as dinâmicas de aula se modificassem ao longo do estudo. Não apenas as questões de gênero, mas também outros interesses

9. Os nomes dos sujeitos foram modificados na elaboração do artigo.

expressados pelos alunos (condicionamento físico; defesa pessoal; competição esportiva), comecei a direcionar as aulas a partir da maneira deles significarem aquela prática. A seguir, duas passagens que materializam essas atitudes:

Hoje a aula foi estranha para mim. Ao ver que o aluno estava treinando Boxe por atividade física e com pouca preocupação com a luta, direcionei a aula para o lado *fitness*, escolhendo equipamentos que cansam mais, fazendo treinamento em circuitos e mesmo nas minhas correções, muito mais direcionadas aos aspectos do físico do que da técnica. Eu me estranhei dando essa aula. Ainda não estou convencido de que direcionar a minha forma de dar aula, aprendida em tantos anos como praticante e professor de acordo com quem está participando, seja a melhor escolha. Porém, observo que, pela primeira vez, estou tendo essas atitudes e orientando as minhas aulas dessa maneira. Sem o propósito de estabelecer que o uso da etnografia esteja melhorando a minha maneira de dar aula, ela está, sem dúvida, me fazendo questionar comportamentos naturalizados que eu segui durante a minha trajetória, como professor e aluno.

Hoje foi um dia em que encaixei o treino, mais uma vez, de acordo com as especificidades e objetivos dos alunos. Fernando e Fabiano são alunos voltados mais para a questão do treinamento de Boxe do que para o *fitness*. A partir disso, voltei a aula para a correção e aprimoramento das partes técnicas dos golpes e movimentações. Não utilizei exercícios em circuitos ou séries com variadas intensidades que são voltadas mais para o aprimoramento das condições internas (condicionamento aeróbio, força e velocidade), mas sim mais voltados para questões externas, no que diz respeito à técnica dos movimentos. O corpo foi mais uma ferramenta segundo a ideia de Wacquant e menos um fim, característica mais ligada ao mercado do *fitness*. Essas reflexões são sempre resultado das minhas leituras dos diários de campo, onde começo a notar ou refletir que existem alunos voltados mais para um lado do que para outro. Começo, pela primeira vez, a flexibilizar minhas aulas de acordo com esses alunos.

No primeiro caso, ao perceber que nessa aula os objetivos dos alunos estavam mais relacionados ao condicionamento físico e emagrecimento, direcionei as atividades para estes fins. Na segunda passagem, percebi que o foco da aula deveria ser outro, os aspectos de luta; a partir disso, realizei exercícios que visavam aprimorar esses elementos.

Ao perceber as nuances citadas até aqui, compreendi que estava lidando com uma variedade de significados atribuídos a esse esporte. O Boxe singular que eu conceituava no início de minha pesquisa

transformou-se em boxes, no plural: um mesmo esporte com diferentes significados dentro de um mesmo espaço. Uma manifestação heterogênea (STIGGER, 2005), produzida por representações diversas, que ora se distanciavam, ora aproximavam-se da sua manifestação hegemônica (o Boxe de competição, espetacular) e das diferentes pessoas que passavam pela sala de treino. Essas considerações se vinculam às ideias de Padiglione (1995), que afirma que a marca mais visível do esporte é a sua “diversidade interior” (p. 30) e também com o pensamento de Bourdieu (1990), que explica essa diversidade a partir do que denomina de “efeito de apropriação” (p.216).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que essas reflexões foram fatores determinantes da compreensão e execução das minhas próprias aulas, concluo que a prática da etnografia me permitiu questionar alguns conceitos nos quais pouco refletia anteriormente. Um exemplo disso, foi a temática do gênero que eu estava estudando no momento em que foram feitas as análises que apresentei anteriormente. Ao perceber essas questões e mesmo que nem sempre elas tenham sido colocadas em prática, o emprego constante de diferentes atitudes me ofereceu condições de compreender que outro olhar sobre o lugar onde atuo poderia ser adotado.

Além disso, importante ressaltar que também adotei uma postura de intervenção. As análises que venho descrevendo até aqui me possibilitaram o *uso prático etnográfico*. Desnaturalizando certos aspectos, empreendi novas dinâmicas, relações e interações com meu campo de pesquisa/atuação profissional, desconstruí alguns conceitos e materializei essas questões durante o desenvolvimento das aulas. Iniciando por uma desorganização de respostas sobre *saber o que tem que ser feito*, e uma subsequente organização de perguntas que se define em *saber porque/ como estou fazendo*, a etnografia possibilitou que eu modificasse minha maneira de olhar o Boxe e alterasse a minha ação enquanto professor.

A partir das análises que fiz, relativizo o pensamento dicotômico e fragmentado que muitas vezes separa a ação da compreensão, nesse caso,

entre intervenção e pesquisa científica. Mesmo que não tenha tido essa intenção, Magnani (2001), ao refletir sobre as relações entre a Educação Física e a Antropologia, vinculou a primeira à intervenção e a segunda à interpretação. Segundo ele, a Educação Física está afeta aos aspectos utilitários (o *serve*), enquanto a Antropologia se preocuparia com as dimensões simbólicas (o *significado*). Referindo-se a como a Antropologia trataria da temática do lazer, um tema que considera estabelecer uma interface entre as duas áreas, afirma: “a primeira providência é mudar a questão inicial: em vez de ‘para o que serve o lazer’, perguntar ‘o que significa’”. (MAGNANI, 2001, p. 22)

Na minha experiência, ao mesmo tempo investigativa e docente, pude perceber que essas palavras/ações podem andar juntas, amarradas por um elo que se consolida por um constante *ir e vir* reflexivo/prático em que a pedagogia e a antropologia se misturam formando uma forma de pensar/agir e que se materializa na maneira de como o ensino dos esportes pode ser desenvolvido.

Sendo eu um teórico/prático ou um pesquisador/professor, vejo esse movimento de maneira articulada, inseparável. Aquele profissional que atua na prática não se pautará apenas pelas bases teóricas que se preocupam em entender o funcionamento do corpo ou os métodos de treinamento, num sentido utilitário. Mas sua intervenção está ligada, também, pelas questões particulares, culturais e simbólicas do espaço em que atua.

Finalizo esse depoimento afirmando que, associada à experiência prática, a reflexão que a etnografia me exigia, me levou a essas considerações. Recorrendo novamente à noção de elo teórico-prático referido no início desse trabalho, entendo que, se Fonseca (1999) o relacionava às análises teórico-metodológicas do fazer etnográfico, essa relação entre a experiência e a reflexão proporcionada pela etnografia se fez presente também fechando o já mencionado “hiato entre a pesquisa e a prática docente, entre a teoria e a prática”. (WOODS, 1986, p. 18)

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. Programa para uma sociologia do esporte. In: BOURDIEU, P. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- FLORES, J. E. **A luta além dos ringues**: a emocionante trajetória de Muhammad Ali. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2001.
- FONSECA, C. Quando cada caso não é um caso: pesquisa etnográfica e educação. **Revista Brasileira de Educação**. Caxambu, n. 10, p. 58-78, jan./abr., 1999.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.
- GOELLNER, S. V. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Movimento**. Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 171-196, mai./ago., 2007.
- MAGNANI, J. G. C. Antropologia e Educação Física. In: CARVALHO, Y.M., RÚBIO, K. (Organizadores) **Educação Física e Ciências Humanas**. São Paulo, Hucitec, 2001.
- MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.17, n. 49, p.11-29, 2002.
- MARIANTE NETO, F.P.M., **Da academia de boxe ao boxe de academia**: um estudo etnográfico. 125 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- MEYER, D.E.; SOARES, R. Corpo, **Gênero e sexualidade nas práticas escolares**: um início de reflexão. In: Corpo, Gênero e Sexualidades.
- NICHOLSON, L. **Interpretando o gênero**. Estudos Feministas. Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 9-41, 2000.
- PADIGLIONE, V. Diversidad y pluralidade en el escenario deportivo. **Educación Física y Deportes**, n. 41, p. 30-35, 1995.
- REMICK, D. **O rei do mundo**: Muhammad Ali e a ascensão de um herói americano. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- STIGGER, M. P. **Esporte, lazer e estilos de vida**: um estudo etnográfico. 1. ed. Campinas: Editora Autores Associados, 2002. v. 2000. 259 p.

STIGGER, M. P. **O esporte na cidade**: estudos etnográficos sobre sociabilidade esportiva em espaços urbanos. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

WACQUANT, L. **Corpo e alma**: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WILLIS, P. **Aprendendo a ser trabalhador**: escola, resistência e reprodução social. Porto Alegre: Artmed, 1991.

WOODS, P. **La escuela por dentro**: la etnografia en la investigacion educativa. Buenos Aires: Paidós, 1986.

Recebido: 06 abril 2011

Aprovado: 15 abril 2011

Endereço para correspondência:

Flávio Py Mariante Neto

Praça Dom Feliciano, 56, apto. 11

Centro Histórico

Porto Alegre - RS

CEP 90020-160

flaviomariante@hotmail.com